



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
BACHARELADO EM FILOSOFIA

Ética a Nicômaco, Livro I  
**Por Que Toda Ação Mira um Bem?**

Canoi Gomes de Aguiar

NATAL - RN

Abril de 2024

Logo no início de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles nos faz a afirmação de que “Toda ação mira um bem qualquer”, mas primeiro precisamos entender os conceitos de “ação” e “bem” para entender a frase. Falando em termos práticos, realizamos toda ação em favor de uma finalidade, e essas finalidades são muitas, na ação de correr, por exemplo, podemos estar treinando para uma competição, por motivos de saúde, ou simplesmente por gostar de correr, é importante entender que “ações” também podem ser entendidas como “arte”, “técnica” ou “atividade”, Aristóteles nos dá um exemplo quando diz que “o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória”. Então o filósofo nos fala de dois tipos de ações, as que as finalidades se encerram na própria atividade, chamadas de **Práxis**, e aquelas na qual é produzido algum bem externo como finalidade, as chamadas **Poiesis**. Voltando para o exemplo anterior, poderíamos dizer que correr é uma práxis, já que seu fim não produz nenhum bem concreto e se encerra na própria atividade, já um artesão que produz tênis para corredores estaria praticando uma poiesis.

Só que esses bens produzidos pelas poiesis podem ter diferentes finalidades, e de mesmo modo as práxis não necessariamente tem uma única finalidade, como vimos na atividade de correr, mas Aristóteles diz que essas finalidades vão mirar a de alguma outra arte fundamental, por exemplo, tanto o cuidador de cavalos quanto o artesão que fabrica os acessórios para cavalos tem como finalidade a arte da equitação, e essa última vai ter a finalidade na sua própria excelência, do contrário essa busca seria infinita, esse bem mais absoluto Aristóteles chama de **sumo bem**, pois ele só se subordina a si mesmo, e esse bem maior parece ser a **felicidade** (ou **Eudaimonia**), pois todas as nossas ações que sejam mirando o prazer, a honra ou a justiça, parecem sempre mirá-la também, já a felicidade não miramos tendo em vista nenhuma outra coisa se não a própria felicidade. Aqui Aristóteles começa a se afastar dos platônicos ao dizer que não existe um único bem, afinal os bens das atividades são muitos, e alguns destes vão se subordinar às de outras artes a fim de buscar o sumo bem/felicidade, porém a felicidade é relativa ao indivíduo, para alguns será ela os prazeres, para outros a riqueza, dentre muitos outros, mas os bens que nos interessam são os que agradam a nossa **alma**.

Para Aristóteles, não só buscamos a eudaimonia, como essa busca também é a finalidade máxima da nossa vida, da nossa alma, não no sentido espiritual e sim de nossa vida ativa enquanto seres humanos, desde o nascimento até a morte, e durante a vida a maioria dos homens parecem identificar a felicidade a partir dos prazeres, mas não são todos os prazeres que buscamos, pois quanto aos prazeres do corpo os homens parecem discordar sobre o que é apazível,

então estes seriam naturais, e os que procuramos são os da alma, que vão partir de um **princípio racional** (ou **Logos**), e igualmente precisamos usar a razão para identificá-los. Aristóteles nos fala de três tipos de vida, a dos **prazeres**, a **contemplativa** e a **política**, ele diz que devemos desconsiderar esta primeira, pois além de seus bens parecerem momentâneos, os que seguem essa vida parecem não usar a razão para fazer suas escolhas, a felicidade que estamos buscando é racional e duradoura, a vida contemplativa ele diz que deixemos para depois, e nos resta então a vida política. Se a vida política é a que devemos buscar, então igualmente a atividade que nos levaria à felicidade seria a prática da **ciência política**, pois ela que vai nos permitir definir quais são as ciências que os cidadãos de um Estado devem estudar, bem como outras artes dentro da **Polis** também parecem se submeter a ela, ele também fala que se a busca pela eudaimonia é a finalidade máxima de nossa vida, então a prática política seria igualmente a atividade máxima da vida humana.

A Polis grega foi criada exatamente para que os homens pudessem exercer a política a fim de legislar e buscar a felicidade máxima para os seus participantes, mas se a felicidade é relativa ao sujeito, então os legisladores devem ser capazes de fazer as escolhas certas a fim de trazer o bem-estar a todos os cidadãos. Quando falamos dos prazeres da alma, precisamos focar nos indivíduos que identificam felicidade com a sua honra, que são justos, que parecem ser assertivos em suas escolhas e buscam excelência nas suas ações, parecem ter um espécie de **sabedoria prática** e são indivíduos que vão se destacar na Polis por sua **virtude**, são as escolhas desses virtuosos que devemos observar. Aristóteles diz que desde que nossa capacidade para a virtude não tenha sido mutilada, nós podemos aprendê-la, mas que não é praticar uma única ação virtuosa que te torna virtuoso, é preciso criar um hábito que só vai se desenvolver à medida que sentirmos prazer pela virtude, pois a cada homem é agradável aquilo que ele ama, como atos justos para o amante da justiça, e atos virtuosos para o amante da virtude.

Então se os bens das ações são vários, e se todos aqueles bens que não tem fim em si mesmos irão se subordinar a algum outro mais absoluto, e o mais absoluto de todos será a felicidade, podemos dizer que toda ação mira um bem, pois todas nossas ações buscam a felicidade, sejam pelos prazeres, sejam pelas honras, na própria atividade ou em outra mais fundamental a esta, mas que se buscamos uma felicidade duradoura, então precisamos procurar a excelência de nossas ações, precisamos ser virtuosos dentro da nossa comunidade, mas não basta agir virtuosamente uma única vez, é necessária uma prática constante dessas ações até o fim de nossa vida.